

## Em torno de um encontro: José Veríssimo e Lima Barreto (fragmentos)

Rachel Bertol<sup>1</sup>

### Resumo:

O mais importante manuscrito do crítico José Veríssimo (1857-1916) mantido na Fundação Biblioteca Nacional é uma carta que escreveu em 1910 a Lima Barreto (1881-1922) com considerações sobre *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. O trabalho objetiva analisar os pontos convergentes entre o crítico e o autor, tomando como ponto de partida a afirmação de Sevckenko (1983) de que Veríssimo foi admitido “mestre tutelar” não apenas de Lima Barreto como de Euclides da Cunha, com os quais formava “um triângulo indissociável” ou “um prisma” para observar a vida cultural na Primeira República. A pesquisa no acervo de periódicos da FBN permite compreender a atuação de Veríssimo no que se refere aos autores, dando-se ênfase à dinâmica da relação do crítico com a imprensa (aspecto não contemplado em sua bibliografia).

**Palavras-chave:** José Veríssimo; Lima Barreto; crítica literária; história da imprensa; Primeira República

### 1. O encontro

Em seu *Diário íntimo* (2011), em 5 de janeiro de 1908, Lima Barreto (1881-1922) conta de um encontro com José Veríssimo (1857-1916) realizado poucos dias antes, no fim do ano anterior. O crítico literário, cujas opiniões na imprensa eram cobiçadíssimas pelos escritores brasileiros, havia escrito uma breve nota sobre ele no *Jornal do Commercio*. Ex-diretor da *Revista Brasileira*, em sua fase de 1895 a 1899, Veríssimo era também um bom conhecedor de revistas literárias. Na época, Lima ainda não havia lançado romance algum:

Ai de mim, se fosse a revistar aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia”, do Senhor M[anuel] Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima

---

<sup>1</sup> Bolsista da Fundação Biblioteca Nacional integrando o Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (Pnap) de 2015-2016 e doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016), com bolsa da Capes. Realizou Doutorado Sanduíche na Universidade de Princeton, nos EUA (set.2014–fev.2015), com bolsa da Faperj. É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom-UFRJ), atuando no projeto Memória do Jornalismo Brasileiro, sob orientação de Ana Paula Goulart Ribeiro, e pesquisadora do grupo Imprensa e Circulação de Ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX, da Fundação Casa de Rui Barbosa. Professora substituta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2016-2017.

Barreto, nos quais creio descobrir alguma cousa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão (VERÍSSIMO, José. *Jornal do Commercio*, 09.07.1907).

“Já começo a ser notado”, escreveu Lima, cujo nome aparece com destaque na primeira página da *Floreal*, indicado como diretor<sup>2</sup>. Pouco antes do Natal, ele e o amigo Manuel Ribeiro foram ter com o crítico por conta da nota que publicara no importante jornal. “Recebeu-nos afetosamente”. Enquanto o amigo falou “doidamente, difusamente”, Lima ficou calado quase todo o tempo, dando uma ou outra opinião. Veríssimo lhes deu conselhos, leu para eles Flaubert e Renan. Conversaram sobre sinceridade na literatura brasileira, que para o crítico seria “cerebral, artificial”. Lima parecia concordar: “Sempre achei condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade”.

A glória dos segundos românticos (Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu), disse-lhes Veríssimo, “tinha-se incorporado à sorte da nação, porque eles tinham sido sobretudo sinceros”. Foi motivo para o escritor pensar sobre si próprio: “[eu] me acredito sincero. Sê-lo-ei? Às vezes, penso ser; noutras vezes, não. Eu me amo muito; pelo amor em que me tenho, com certeza amarei os outros”.

Quando lançou *Recordações*, em 1909, não foi difícil aos contemporâneos encontrarem a “chave” (sincera) do *Correio da Manhã*. A imprensa quase nada comentou. Medeiros e Albuquerque escreveu uma crítica pouco simpática a respeito em *A Notícia*, onde assinava com o pseudônimo J. Santos: “Mau romance porque é da arte inferior dos *romans à clef*. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto” (15.12.1909, apud BARBOSA, p. 197). O amigo Alcides Maia, que incentivara Lima a concluir a obra, o surpreendeu negativamente ao fazer duras ressalvas no *Diário de Notícias*. A ideia de retratar Caminha como um contínuo de jornal teria sido dele. Entretanto, Maia condenou o personalismo com que, na sua opinião, Lima Barreto tingiu os personagens. O livro não passava de um “álbum de fotografias”, “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios” (16.12.1909, apud BARBOSA, p. 197).

---

<sup>2</sup> A publicação foi criada por Lima Barreto e seus amigos e teve apenas quatro números (BARBOSA, 2012, p. 181)

José Veríssimo, por sua vez, não ficou indiferente à obra cujos trechos iniciais já havia elogiado publicamente. O crítico resolveu escrever uma carta a Lima Barreto, sem deixar de tecer algumas ressalvas, especialmente ao que considerou seu o “excessivo personalismo”, mesma tecla batida pelos demais críticos. A carta a Lima Barreto é o principal manuscrito de José Veríssimo mantido no acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Em sua opinião, se Lima agradava à “malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo”, por outro lado a “fotografia literária da vida” poderia tornar o livro “efêmero e ocasional”. Mesmo assim o incentivou:

Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real (VERÍSSIMO, José. Carta a L.B., 05.05.1910).

Justificava o motivo de não publicar uma crítica a respeito por seu afastamento das colaborações regulares na imprensa. De fato, Veríssimo não estava escrevendo para jornais naquele período (embora mantivesse colaborações em revistas, praticando nelas um gênero ensaístico, menos focado em obras específicas). Em março de 1908, o *Jornal do Commercio* havia dispensado a colaboração do crítico, “mais uma vez”, como revelou ao amigo e diplomata Oliveira Lima, com quem se correspondia de maneira assídua (segue o trecho de uma carta inédita mantida na Oliveira Lima Library, na Universidade Católica da América, em Washington, D.C.):

Eu espero aliás que será a última [demissão] pois salvo reduzido pela fome não quero mais saber de letras, senão para ler para mim só que não fosse a satisfação de fazer o público trabalho. A literatura como indústria e meio de vida, ou achega de vida, é ao cabo uma coisa desprezível (VERÍSSIMO, José. Carta a O.L., 05.03.1908).

Depois daquela dispensa de março, Veríssimo escreveu em 1908 apenas um artigo especial sobre Machado de Assis para o *Jornal do Commercio*, encomendado por ocasião da morte do escritor, em setembro. Ele e Machado eram amigos próximos e o autor de *Dom Casmurro* o considerava o principal crítico literário em atividade no Brasil – Lima Barreto não era o único a saber do prestígio que representava um incentivo daquele crítico do círculo machadiano. Mas em 1909, ano em que lançou *Recordações*, Veríssimo publicou apenas dois textos no *Jornal do Commercio*.

Um deles foi sobre Anatole France, em 17 de maio, quando da celebrada visita do escritor francês ao Brasil. Veríssimo foi seu cicerone na sua passagem pela Academia Brasileira de Letras e passeou com ele por todo o Rio de Janeiro, levando-o a lugares como o Corcovado. O segundo texto publicado em 1909 por Veríssimo no *Jornal do Commercio* surgiu em 30 de junho e abordava a biografia de D. João VI por Oliveira Lima. Mas tratou-se de uma exceção: Felix Pacheco, diretor no *Jornal*, enviou ao crítico uma carta com um pedido expresso para que a redigisse. Veríssimo comenta a respeito de France e Pacheco em suas cartas daquele ano enviadas ao próprio Oliveira Lima.

## 2. Mestre tutelar

O encontro de Lima Barreto com Veríssimo teria sido decisivo como incentivo para o escritor. O biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2012)<sup>3</sup> é dessa opinião, mas sobretudo Nicolau Sevcenko aponta que o crítico teria sido admitido como “mestre tutelar” (2003 [1983], p. 269) não apenas de Lima Barreto, como de Euclides da Cunha, de quem foi bem mais próximo e desempenhou papel de fato decisivo para a consagração de *Os Sertões* quando de seu lançamento, em 1902. Lima e Euclides, os principais autores do início do século XX no Brasil, apesar de díspares entre si, formariam, com José Veríssimo, “um triângulo indissociável, como um prisma que forneceu uma visão indelével de toda a cena cultural desse início de vida republicana” (SEVCENKO, 2003, p. 269). Sevcenko destaca Veríssimo como “incentivador incansável da carreira de Lima Barreto” e observa que “a sombra” do crítico “recobre a personalidade e a obra de um e outro [Lima e Euclides] de forma inconcussa” (p. 269). Seria ainda “um representante vivo dos intelectuais combativos que haviam feito a campanha da Abolição e preparado o advento da República” (p. 270).

Seu desencanto com o novo regime se transmitiu aos seus prosélitos e o seu inconformismo – oscilante entre o ceticismo para com as elites locais e a fé nas correntes reformistas europeias – ressurgia nos textos de ambos os escritores. O autor de *História da Literatura Brasileira* se impôs desse modo como vértice crítico dessas obras, definindo não só a disposição de espírito dos dois autores, mas dirigindo mesmo a sua empresa intelectual.

O que não quer dizer que Euclides e Lima não aplicassem sempre uma feição tipicamente pessoal às suas produções. Manteve-se sempre,

---

<sup>3</sup> Francisco de Assis Barbosa é autor do prefácio da primeira edição de *Literatura como missão*, que Sevcenko publicou em 1983.

nesse caso, a distância que medeia entre a inspiração e a criação (SEVCENKO, 2003, p. 270).

A análise do autor sobre Veríssimo é sugestiva para se pensar a relação do crítico com Lima Barreto e abre perspectivas de diálogo em relação ao principal estudo sobre o crítico, a primeira tese de teoria literária do Brasil, defendida em 1970 por João Alexandre Barbosa na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de Antonio Candido. O trabalho foi publicado quatro anos depois com o título *A tradição do impasse* e aborda o que o autor chama de “linguagem” da crítica de Veríssimo.

Resumidamente, pode-se dizer que o impasse se definiria entre uma postura progressiva em termos sociais – na medida em que Veríssimo seria um contundente crítico das mazelas da Primeira República – e um conservador no que se referia às inovações de linguagem dos escritores do período (ou seja, trata-se de um impasse de posicionamento diante de questões sociais e estéticas). Já Sevcenko imprime, em comparação com a análise de J.A. Barbosa, uma visão menos segmentada e mais movimentada da atuação do crítico, ao apontar para sua centralidade no circuito cultural e a influência que teria exercido sobre os escritores do período.

Em ambos os trabalhos, entretanto, ressurte-se a falta e em alguns casos o erro de dados que prejudicam as conclusões. J.A. Barbosa, por exemplo, errou ao não identificar em Veríssimo o crítico que trabalhou pela publicação de *Os Sertões*<sup>4</sup>. Além de ter apresentado Euclides aos editores da Laemmert, ele o consagrou com o texto inicial a respeito na imprensa, no *Correio da Manhã*.

Já Sevcenko, embora forneça pistas de uma atuação contundente por parte de Veríssimo, não se alonga sobre sua trajetória. Por exemplo, afirma ele que o crítico comandou a vida literária no Brasil nos anos 1900, ecoando de certa forma o que diz Brito Broca (1956). Porém, cita apenas sua colaboração para o conservador *Jornal do Commercio*, sem levar em conta o fato de ter sido o crítico literário mais atuante na imprensa da época (ainda mais que Sílvio Romero e Araripe Júnior), tendo trabalhado em diferentes jornais e revistas da virada do século. Lima Barreto e Euclides têm seus escritos longamente discutidos por

---

<sup>4</sup> Além de publicar um trecho da obra em 1899 na *Revista Brasileira*, na última edição da publicação, Veríssimo apresentou Euclides aos editores da Laemmert e lhes indicou a obra. Em sua correspondência, o escritor se diz devedor de Veríssimo (GALVÃO; GALOTTI, 1997).

Sevcenko, mas a terceira ponta do “triângulo indissociável” que formavam não chega a ser analisada com a mesma profundidade. No estudo, José Veríssimo se mantém – para usar a expressão que o próprio historiador destacou – uma “sombra” sobre os dois autores.

Há de fato um profundo incoformismo social na obra de Veríssimo que o aproxima de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Além disso, Sevcenko avança ao apontar a importância que o crítico teve em relação aos dois autores, em termos de incentivo, assim como ao situar sua obra num dos vértices da crítica cultural influente no período. No entanto, não leva em conta – ao contrário de J.A. Barbosa – a análise que o crítico realiza da estética de Euclides ou Lima. Sobre Euclides, apesar dos elogios e do destaque que deu a *Os Sertões*, com um texto que ocupou a metade da primeira página de 3 de dezembro de 1902 do *Correio da Manhã*, Veríssimo criticou a linguagem que, em sua opinião, carecia de simplicidade, com o uso de neologismos, arcaísmos e de termos científicos e abstratos. Apesar disso, reiterou que esse “defeito” era de “quase todos os nossos cientistas que fazem literatura” e que não teria diminuído a força da escrita de Euclides, “nervosa e vibrante”, nem a importância do livro. Veríssimo reiterou também a importância da denúncia que a obra realizava do crime que havia sido cometido em Canudos pelas forças republicanas, tema polêmico na época. Trata-se de uma das mais alentadas críticas publicadas por ele na imprensa e possivelmente aquela de maior impacto, tendo transformado o livro num sucesso imediato<sup>5</sup>.

O crítico sempre buscava analisar, de forma incansável, questões de linguagem na obra dos autores brasileiros. Não surpreende, portanto, que Veríssimo tenha tocado no assunto em seu encontro com Lima Barreto no fim de 1907. Se algum conselho podia dar aos jovens, o principal seria esse, sobre a simplicidade da linguagem e a tentativa de comunicação com o público. Num país de maioria analfabeta (cerca de 80% da população brasileira vivia nessa condição)<sup>6</sup>, os escritores não teriam como se esquivar dessa precariedade (e a

---

<sup>5</sup> Brito Broca afirma que o crítico havia arriscado “todo o seu prestígio” ao apostar num desconhecido como Euclides (1956, p. 242).

<sup>6</sup> O percentual era conhecido desde o fim do Império, no primeiro censo realizado no Brasil, cujos resultados, divulgados em 1876, indicavam que 84% de analfabetos. A situação não mudou muito no início da República.

melhor resposta a esse dilema estaria na obra de Machado de Assis, o maior autor da literatura brasileira, segundo Veríssimo)<sup>7</sup>.

O crítico também voltou ao tema da linguagem na carta que escreveu a Lima Barreto cerca de dois anos depois. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* teria “muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo”. O próprio Lima, de acordo com o biógrafo Francisco de Assis Barbosa, não considerava o romance a grande obra que almejava escrever.

Entretanto, de alguma maneira, o escritor estaria seguindo preceitos defendidos por Veríssimo. Sevcenko destaca que Lima Barreto foi marcado por uma “cobiça [...] furiosa de comunicação que marcou toda a sua vida literária” (2003, p. 199). Para isso, lançou mão de uma escrita despojada, “comum, transparente, descuidada, de comunicação imediata, de feição jornalística, anti-retórica, despida de efeitos, [...] fluente, homogênea, [...] direta, pouco metafórica, pouco imagística e altamente concreta” (p. 199). Em sua premência por comunicação, Lima Barreto estaria atento às “transformações do público literário urbano” habituado aos processos jornalísticos e, a partir disso, “definia também a solução técnico-estética que o meio lhe suscitava” (p. 198). Deu destaque em seus escritos a personagens populares e vítimas sociais, manejando ironia e caricatura.

José Veríssimo não teve tempo para acompanhar plenamente o desenvolvimento da obra de Lima Barreto. Mas a concepção que apresentava de literatura seria mais afeita às suas ideias que aquelas de Euclides da Cunha, cuja trajetória literária e pessoal pôde acompanhar com proximidade privilegiada. Em textos subsequentes ao de 1902, quando do lançamento de *Os Sertões* (e mesmo então), demonstrava sua descrença em relação à proposta de Euclides, especialmente a ênfase na tecla científica. Em relação a Lima Barreto, teceu ressalvas à caricaturização dos personagens. “Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização”, escreveu-lhe em março de 1910. A estratégia escolhida pelo autor podia ter como origem a mesma preocupação que animava José Veríssimo, embora o efeito que provocava pudesse ir de encontro ao que considerava literário.

---

<sup>7</sup> Sobre a questão dos leitores na obra de Machado de Assis, ver Guimarães (2004).

Não há dado biográfico conhecido até o momento que comprove que Veríssimo tenha sido um “incentivador incansável da carreira de Lima Barreto”, como diz Sevcenko, a não ser pelo episódio da nota no *Jornal do Commercio* e o encontro realizado em seguida. Como afirma ainda o autor, Veríssimo foi “amigo íntimo” de Euclides e de fato eles tiveram uma convivência bastante próxima na Academia Brasileira de Letras e na roda da Garnier. Entretanto, sua correspondência (GALVÃO; GALOTTI, 1997) não desmente uma certa distância que havia entre eles e a amigos próximos, como Mário de Alencar<sup>8</sup> e Oliveira Lima, Veríssimo não escondia seu desconforto diante da pessoa e da obra de Euclides, embora reconhecesse que muitas vezes poderia passar a impressão contrária.

Desse modo, se Veríssimo de alguma maneira atuou como “mestre tutelar” dos dois escritores, foi especialmente no início de suas trajetórias – o que não é pouca coisa e demonstra o poder de influência do crítico. Mas não há indícios biográficos que apontem para uma relação tão estreita ao longo do tempo, como deixa a entender Nicolau Sevcenko (situação bastante diferente da relação de Veríssimo com Machado de Assis, embora, nesse caso, o “mestre tutelar” indiscutível tenha sido o escritor).

Mesmo não havendo uma relação de “mestre tutelar” com Lima ou Euclides, não se invalida, porém, o prisma formado por eles e Veríssimo, sugerido por Sevcenko para desvendar a vida cultural da Primeira República. Também há muitos pontos de identificação em suas ideias, especialmente no caso de Lima Barreto (o que pode indicar uma relação de “mestre tutelar” no sentido de ser uma relação mais distante, como a de um leitor atento). O crítico, a partir dos diferentes jornais em que atuou e pela direção da *Revista Brasileira*, entre 1895 e 1899, conquistou tal centralidade que é possível afirmar que manejou toda a vida literária relevante naquele período (incluindo nisso a atuação relacionada a Lima e Euclides). Mas a conquista e a manutenção dessa preponderância não ocorreram numa linha reta. Bem ao contrário, a trajetória de Veríssimo foi marcada por altos e baixos, polêmicas e disputas de bastidor.

---

<sup>8</sup> Acervo da Academia Brasileira de Letras (ABL).



### 3. 'Correio da Manhã'<sup>9</sup>

Em sua carta a Lima Barreto, José Veríssimo não deixa de reconhecer: “Eu que isto lhe digo [as ressalvas ao personalismo], eu mesmo me delicieei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou” (05.03.1910). A carta demonstra que Veríssimo, embora tentasse reprimir o sarcasmo experimentado com a leitura de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, se afinava com o escritor em muitos de seus pontos de vista.

Ao qualificar o retrato oferecido pela obra de “exato” e “justo”, o crítico falava com conhecimento de causa: assim como Lima Barreto, ele havia trabalhado no *Correio da Manhã*, jornal lançado em 1901 pelo advogado gaúcho Edmundo Bittencourt para desafinar o coreto da imprensa bem comportada diante das ações orquestradas pela Presidência de Campos Sales (1898-1902). A nova folha oposicionista causou barulho e Veríssimo se juntou à sua equipe logo na 18ª edição, no início como analista de questões internacionais. Só começou a tratar de literatura quando, poucas semanas depois, deixou a Revista Literária, coluna semanal que mantinha no *Jornal do Commercio* desde o início de 1899. Mesmo que quisesse, dificilmente Veríssimo conseguiria escrever para os dois jornais ao mesmo tempo: no intuito de se afirmar, o *Correio* tomou como seu principal rival o *Jornal do Commercio*, que continuava a ser o maior e mais bem-sucedido da imprensa na capital.

A folha firmou-se rapidamente como dissonante. Com menos de uma semana, o público já se aglomerava à sua porta para saudar o sucesso que alcançara. O jornal chegou às ruas quando o governo havia recém-anunciado um aumento nas passagens dos bondes, na companhia São Cristóvão, causando ondas de revolta e protesto por toda cidade, o que ocasionou uma dura repressão policial. O *Correio* se posicionou ao lado dos manifestantes, respaldado pelo senador Rui Barbosa, e o governo acabou voltando atrás no reajuste. Como diz Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto teria escolhido o *Correio* para seu retrato mordaz em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* por ser o mais significativo do período, tendo consolidado seu prestígio praticamente no

---

<sup>9</sup> Muitas das informações aqui são inéditas e condensam os dados pesquisados com o apoio do PNAP no acervo da FBN. Por exemplo, os motivos que levaram o *Correio* a firmar seu prestígio em poucos dias não costumam ser contemplados na bibliografia a respeito do periódico.

primeiro dia de circulação. Atento ao desenvolvimento de novas camadas médias urbanas, o jornal se voltou para esse público ascendente, com uma linguagem mais acessível que a dos principais jornais até então. Mas ainda ao estilo dos jornais oitocentistas, baseava-se no prestígio de seus articulistas de fundo – e José Veríssimo era um deles – para se afirmar.

O crítico colaborou para o *Correio* até o início de 1903 e os motivos de sua saída são controversos. Cerca de um mês depois do seu texto sobre *Os Sertões*, quando se encontrava em momento de grande destaque, o poeta Antonio Salles escreveu, para o próprio *Correio* e no mesmo espaço ocupado em geral por Veríssimo, uma resenha a uma coletânea do crítico com duras críticas à atuação dele, especialmente ao que via como excesso de rigidez em seus julgamentos da literatura brasileira (06.01.1903). Os estudos sobre Veríssimo não costumam contemplar essa crítica, feita dentro do próprio jornal em que ele trabalhava, mas trata-se de importante documento a seu respeito, inclusive para compreender como se deu sua saída do jornal<sup>10</sup>. O texto chega a apresentar um tom editorializado, que não escondia certo desconforto do jornal em relação a Veríssimo, acusado de não abrir mão de seus altos padrões estéticos para avaliar uma literatura que seria minguada para tamanha expectativa. O crítico seria “grande” demais, como disse Salles, para o meio em que vivia. Era impiedosamente criticado ainda por não ser nacionalista e nesse quesito foi comparado negativamente em relação a Araripe Junior e Sílvio Romero.

Portanto, se o tom oposicionista e confrontador dos primeiros tempos do *Correio* havia funcionado como uma plataforma de liberdade para Veríssimo, especialmente em relação ao espaço mais circunscrito do *Jornal do Commercio*, nesse outro momento a independência do crítico estaria de alguma forma sendo posta à prova pela ambição de popularidade do jornal. Depois desse texto, permaneceu somente mais algumas semanas no *Correio* e ficou cerca de um ano sem colaborar para a imprensa (paralelamente, ele se mantinha como professor no Colégio Pedro II, do qual foi diretor de 1892 a 1898, e na Escola Normal).

---

<sup>10</sup> O autor que mais avança nesse sentido é Brito Broca (1956), mas ele não traz a informação sobre o demolidor texto de Antonio Salles a respeito de Veríssimo. Segundo Broca, o crítico estaria escrevendo, sem assinatura, textos críticos ao Barão do Rio Branco. Edmundo Bittencourt, por indiscrição, teria tornado pública sua identidade, o que teria desagradado a Veríssimo, levando à sua saída. Não foram encontradas na coleção dados que comprovassem essa afirmação, apresentada por Broca sem citar datas ou textos específicos.

Não é difícil imaginar como no mínimo sorriu ao ler a caricatura do jornal e de seu proprietário, Edmundo Bittencourt, na figura de Ricardo Loberant:

Ninguém o sabia jornalista, mesmo durante o seu curso mal-amanhado não sacrificara às letras: fora sempre tido como *viveur*, gostando de gastar e frequentar a sociedade das grandes *cocottes*. Um belo dia, o público da cidade ouviu os italianos gritarem: “*O Globo! O Globo!*”. Os curiosos compraram-no e com indiferença leram ao alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal atraía, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma crítica corajosa às coisas governamentais, que, não se sabendo justa, era acerva e parecia severa. Este gostou, aquele apreciou, e dentro de oito dias ele tinha criado na multidão focos de contágio para o prestígio de sua folha. [...] E o jornal pegou. Trazia novidade: além de desabrimento de linguagem e um franco ataque aos dominantes, uma colaboração dos nomes amados do público, lembrando por esse aspecto os jornais antigos que a nossa geração não conhecera. [...] a cidade, agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o governo a demitir esta e aquela autoridade. E *O Globo* vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se... (BARRETO, 2010, p. 171-2).

Há ainda o retrato de outro personagem que não fez parte da equipe do *Correio*, mas possuía grande ascendência no meio jornalístico: João do Rio, a quem Veríssimo considerava um “repórter inculto” e a quem sempre se opôs, inclusive na Academia Brasileira de Letras, conforme conta em suas cartas. Tratava-se de outro ponto em comum com Lima Barreto, que também não apreciava o autor de *As religiões no Rio*, retratado em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* como Raul Gusmão.

[...] sobre todos pairava a figura inflada, mescla de suíno e símio, do célebre jornalista Raul Gusmão. O próprio Oliveira, tão parvo e tão besta, tinha alguma coisa dele, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de frases de efeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa. Era já o genial, com quem viria a travar conhecimento mais tarde, que me assombrava com o seu maquinismo de *pose* e me colhia nos alçapões de apanhar os simples (BARRETO, 2010, p. 90).

Lima Barreto teria trabalhado no *Correio da Manhã* em 1905, quando escreveu uma série de 22 textos sobre os subterrâneos do Morro do Castelo<sup>11</sup>. Os textos não trazem sua assinatura, nem a de pseudônimos, embora os arquivos do autor mantidos na Fundação Biblioteca Nacional permitam comprovar a autoria. Francisco de Assis Barbosa destaca que os dados sobre sua passagem pelo jornal de Edmundo Bittencourt são imprecisos e não se sabe se foi apenas “simples

---

<sup>11</sup> A coletânea foi editada em 1997 com o título *O subterrâneo do Morro do Castelo. Um folhetim de Lima Barreto*, com organização, introdução e notas de Beatriz Resende, pela editora Dantes.

colaborador ou redator efetivo” (2012, p. 150). Essa teria sido uma das suas tentativas de ingresso no jornalismo profissional, sem muito sucesso na época.

Como documento sobre o jornalismo do início do século XX no Brasil, o livro de Lima Barreto é incontornável. No entanto, Nelson Werneck Sodré, autor do mais importante (ainda hoje) livro sobre a história do jornalismo no Brasil, considera injusta a crítica do escritor. Em *História da Imprensa no Brasil*, lançado em 1966 e cuja reedição de 1999 tomamos como base, afirma que o escritor “não compreendeu como o papel do jornal que satirizou era positivo” (p. 304). De acordo com Sodré, a folha contribuiu para a derrocada da “velha República”, consolidando-se como “veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes” (SODRÉ, 1999, p. 287).

O *Correio da Manhã* e seus profissionais não foram o único alvo da imprensa satirizado por Lima Barreto. Em *Numa e a ninfa*, por exemplo, que primeiramente publicou em folhetim com destaque na primeira página do jornal *A Noite*, em 1915, realizou uma dura sátira das condições políticas que levaram o general Hermes da Fonseca à Presidência da República, nas eleições de 1910, em que derrotou Rui Barbosa. *A Noite*, fundado em 1911 por Irineu Marinho, era um dos três polos da grande imprensa oposicionista da época, junto com o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, e *O Imparcial*, de José Eduardo de Macedo Soares, criado em 1912. Em 1914 – o último da gestão de Hermes –, essas publicações haviam enfrentando uma dura repressão ao longo de meses de estado de sítio, com a censura e a prisão de seus donos e profissionais.

Em *Numa e a ninfa*, um romance à *clef* assim como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto retratou João Laje, diretor do jornal situacionista *O País*, sob as vestes de Fuas Bandeira, um português de nascimento que “encarava todo debate jornalístico como objeto de comércio ou indústria”; na obra, Fuas fazia “a indústria do jornal e não havia empreendimento ou obra por mais útil que fosse, representando emprego de capitais avultados e lucro para os empreiteiros, de que não procurasse tirar o seu quinhão”. Nelson Werneck Sodré situa João Laje como “figura típica da imprensa industrial” do período (1999, p. 335). Em contraste a esse tipo, também como figura típica na imprensa, destaca Lima Barreto, com sua “palavra sempre de protesto”:

[...] não apenas porque recolheu em páginas inesquecíveis a época, os personagens, a imprensa carioca, mas porque, em sua atividade de escritor e jornalista, acabou se constituindo um exemplo do antípoda da corrupção da inteligência, o caso marcante da vítima social. Colaborador circunstancial de revistas conhecidas e de grandes jornais, *A Notícia*, *O País*, o *Diário de Notícias*, o *Rio-Jornal*, recebendo cinquenta mil-réis por artigo, redator efetivo da *Careta*, com salário fixo mensal, a parte principal da sua colaboração vai para a pequena imprensa, para *O Debate*, para *O ABC*, em que escreveu de 1916 até sua morte, porque são as revistas e os jornais modestos que lhe permitem escrever com inteira liberdade, exteriorizar seu pensamento. Sua palavra é sempre de protesto [...] protesta contra todas as injustiças, até mesmo as literárias que a fase, propícia à mediocridade, proporciona com abundância, atingindo-o pessoalmente muitas vezes (SODRÉ, 1999, p. 335-6).

O viés oposicionista também foi uma marca de José Veríssimo na imprensa da capital, para onde se mudou em 1891, vindo de Belém, no Pará, seu estado natal. Mas essa face combativa de sua biografia é pouco conhecida, pois em geral o crítico costuma ser associado apenas superficialmente à sua atuação no *Jornal do Commercio*. Mesmo quando sua participação no *Correio da Manhã* é destacada, não se leva em conta que se tratava do principal jornal oposicionista dos primeiros anos do século XX no Brasil (ao contrário, chega-se a dizer erroneamente que era um jornal situacionista, o que o teor da crítica de Lima Barreto pode dar a entender). O tom destemido de crítica social em Veríssimo certamente não escapou à observação de Lima Barreto.

#### **4. Suburbanos e socialistas**

José Veríssimo morava com sua mulher e oito filhos numa confortável casa do Engenho Novo, não muito distante do endereço de Lima Barreto em Todos os Santos, ambos bairros do subúrbio do Rio pertencentes à região conhecida como Grande Méier. Foi certamente nesse endereço que recebeu Lima e seu amigo Manuel Ribeiro no fim de 1907. Dois anos depois, se mudou com a família para uma casa na Avenida 24 de Maio, no bairro de Riachuelo, também no Grande Méier, e foi de lá que escreveu a carta de 1910 ao escritor. Na sua correspondência, eventualmente quando convidava amigos amigos ilustres, lembrava-lhes de sua condição de suburbano, que prometia compensar com uma calorosa hospitalidade.

Morar distante de bairros chiques como Botafogo e Cosme Velho indicava que, apesar da proeminência na atividade de crítico e professor, o equilíbrio

financeiro era frágil. A colaboração na imprensa não foi exercida por diletantismo, mas por necessidade, embora houvesse algum espaço de liberdade para a escolha dos veículos com os quais colaborar. O crítico, porém, nunca aceitou escrever de graça e em seus textos sempre defendeu a profissionalização de sua atividade, nos jornais e no mercado editorial. Ser suburbano foi uma marca distintiva, assim como para Lima Barreto, que situou muitas de suas histórias nos bairros à sua volta. Distinguiam-se de parte dos letrados pela consciência (quase imposição) de que escrever era uma necessidade para complementar o orçamento: não havia espaço para deslumbramentos.

A postura combativa e oposicionista que cultivaram vai de par com essa condição. No fim de sua vida, quando a Guerra de 1914 se tornou uma causa intelectual de engajamento para Veríssimo, contra as pretensões bélicas alemãs, o crítico acentuou sua crítica política, aproximando-se de ideias socialistas. Foi Graça Aranha (1923) o primeiro a defini-lo como socialista, corrente da qual já seria adepto desde o fim do século XIX – Veríssimo e Aranha foram amigos muito próximos e o crítico o introduziu à roda de ilustres como Joaquim Nabuco e Machado de Assis<sup>12</sup>. A tendência socialista de Veríssimo irá se acentuar nos seus últimos textos na imprensa.

O socialismo, já agora formidável, o socialismo que visto no seu conjunto não é somente esta ou aquela doutrina de nova organização social anticapitalista, mas a coligação de todos os descontentamentos da organização que leva a crises como esta [a Guerra], poderia achar-se incumbido, pelo próprio desenrolar dos acontecimentos, de destruir o presente estado político europeu. Que este se mostrou incapaz, o demonstra evidentemente o resultado a que chegou: a única saída que se lhe oferece é uma guerra geral, uma guerra cuja só possibilidade é tremenda, e na qual arrisca todos os ganhos da civilização nos últimos quarenta anos (VERÍSSIMO, José. “Si vis pacem, para pacem”, 03.08.1913).

Em 1913, Veríssimo publicou no oposicionista *Imparcial* algumas de suas mais contundentes críticas sociais e políticas (além da crítica literária, que, no entanto, já não realizava com a mesma assiduidade de anos anteriores). A linguagem do jornal é leve, bem humorada, e muitos textos de Veríssimo na folha terão essa marca, sarcástica inclusive. No fim de 1913, a propósito do dicionário

---

<sup>12</sup> A respeito da importância da relação de Veríssimo com Graça Aranha ver Azevedo (2002). Aranha foi o mais próximo amigo de Veríssimo até pelo menos sua ida para a Europa, no início de 1899, quando acompanhou Joaquim Nabuco em missão diplomática.

de “brasileirismos” que a Academia Brasileira de Letras (ABL)<sup>13</sup> preparava, lembrou que não podiam ser esquecidos nele termos que a criatividade da vida republicana havia imposto ao cotidiano. Uma palavra que se tornara comum era “bajulação”: “Ensina-se nas escolas, em manifestações de louvor e apreço a toda casta de superiores”. Tratava-se de um fenômeno com múltiplas formas, referido com neologismos novos como “engrossar”, “engrossamento”, “engrossador”. Havia outras expressões com o mesmo intuito: “bico da chaleira”, “pegar no bico da chaleira”, “chaleirar”. Mas “a nata, a fina flor dessa semântica republicana” era uma palavra “sublime de significação e crueza”:

Essa palavra, que começa em “es” e acaba em “ão”, infelizmente, ainda não a posso escrever aqui, embora, ao que me dizem, já se ouça nos salões onde viçam o tango e o maxixe. Se há palavras que definam exatamente a nossa situação política, social e moral, são essa e as suas cognatas. A sua criação é um invento genial (VERÍSSIMO, José. “Brasileirismos”, *O Imparcial*, 18.12.1913).

As críticas de Veríssimo eram às vezes tão contundentes que o *Imparcial* saiu em sua defesa mais de uma ocasião, reiterando que se tratava do maior crítico literário do país, segundo a opinião de nomes como Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, embora fosse “o mais atacado” pelos leitores de Norte a Sul do país. Para o jornal, acolher o crítico era sinal de independência. Veríssimo cultivava a fama de implacável, embora a ironia, com sua ambivalências, fosse uma marca de seus escritos.

Quando deixou *O Imparcial*, no início de 1915, estava engajadíssimo na Liga Brasileira Pelos Aliados, da qual se tornou o líder de fato, enquanto Rui Barbosa ocupava apenas formalmente a presidência, não se envolvendo com as suas atividades diárias. A proeminência de Veríssimo, o vice-presidente da organização<sup>14</sup>, era tamanha que depois da sua morte, em fevereiro de 1916, a Liga perdeu força e ficou desacreditada (o próprio *Imparcial* fará críticas aos rumos da Liga depois de morte de Veríssimo). Não é difícil imaginar que ele tenha se encontrado com Lima Barreto novamente nesse período. O escritor conta que aderiu à Liga no começo da Guerra, ou seja, justamente no período em

<sup>13</sup> Em 1912, ele havia rompido de forma definitiva com a ABL, que havia ajudado a criar em 1897 e da qual era o primeiro-secretário. Veríssimo deixou a instituição com duras críticas à atuação de seus “confrades”.

<sup>14</sup> Verbete a respeito em CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20BRASILEIRA%20PELOS%20ALIADOS.pdf>. Acesso em 15.12.2016.

que era comandada pelo crítico. Saiu apenas quando “ela desandou, aproveitando-se da simplicidade de muitos e da cumplicidade de alguns” (BARRETO apud BARBOSA, 2010, p. 227).

Assim aconteceu com Veríssimo, a Guerra não deixou Lima Barreto indiferente. Um dos tópicos em debate era o nacionalismo. O conflito na Europa fazia com que se redimensionasse a questão.

De seu lado, Veríssimo era conhecido por suas críticas a respeito. Já em 1906, no prefácio da segunda edição de *A educação nacional*, que havia lançado em 1890, quando a República nascente o enchia de otimismo, admitiu ter mudado de opinião. Negava-se patriota: “[...] ao menos não o quero ser na acepção política deste vocábulo, assevandijado pelo uso desonesto que com ele se qualificam os mais indignos republicanos. [...] Não façamos da Pátria um ídolo, um novo Moloch, a quem tudo sacrifiquemos (1906, p. 59). Mas com a Guerra, em contraposição ao projeto alemão, conseguiu ver um sentido positivo no caso brasileiro. O povo que se formava aqui podia ser considerado “um novo latino”, o que ia de encontro ao “ideal sociológico” alemão de “tipo único”. Apesar de todos os seus problemas, o Brasil estaria formando como uma democracia liberal, “pacífica, progressista, bastante larga e elástica para que todos e cada um caibamos nela” (“Os brasileiros e a guerra”, *O Imparcial*, 16.03.1915).

Já Lima Barreto, em sua colaboração no *Correio da Noite*, declarava sem rodeios no início da Guerra que não acreditava no patriotismo (apud BARBOSA, 2012, p. 268)<sup>15</sup>. Segundo Resende, o escritor criticava o ufanismo e o nacionalismo excludente: “os textos que escreve a propósito do conflito mundial revelam a aspiração por um conceito mais amplo de nação, entendida como conjunto de cidadãos, de homens unidos por um sentimento maior de solidariedade” (2004, p. 12).

Na edição de suas crônicas em 2004, recuperou-se o texto “A minha Alemanha”, publicado no jornal *A.B.C.* em 1919, que ficara fora das suas *Obras Completas*, editadas em 1956 (RESENDE, 2004, p. 13). Os imigrantes alemães estavam sendo hostilizados no Brasil e Lima, que se dizia contrário ao espírito militarista prussiano, reiterou: “Alemães, negros, caboclos, italianos,

---

<sup>15</sup> Francisco de Assis Barbosa não trabalha com a informação de que a Liga Brasileira Pelos Aliados era tocada em sua primeira fase por Veríssimo.



portugueses, gregos e vagabundos, nós todos somos homens e devemos nos entender na vasta e ampla terra do Brasil. Não sou nacionalista”. De alguma forma, é a mesma ideia de um Brasil “elástico” e não nacionalista pela qual José Veríssimo militou.

No entanto, em 1917, quando o governo quebrou sua neutralidade na Guerra a favor dos norte-americanos, Lima não gostou. No *Diário íntimo*, anotou em 3 de junho, como motivo desse desacordo, a “dolorosa situação dos homens de cor nos Estados Unidos” (ver também BARBOSA, 2012, p. 272). Não aceitava a aliança com os norte-americanos. O escritor chegou a afirmar: “A escolher, sim senhor, eu preferia mil vezes a Alemanha. Não posso dizer nada e nada direi; mas aqui fica o meu protesto mudo”.

Ainda em 1917, o escritor, que se dizia adepto do maximalismo, corrente muitas vezes associada ao bolchevismo, saudou a Revolução Russa. Também se mostrou favorável a ideias anarquistas em muitas de suas crônicas. Nesse sentido, foi mais radical que Veríssimo, que não teve tempo para ver o crescimento na imprensa do cronista Lima Barreto, cuja maior parte da atividade literária se concentrou em seus últimos anos de vida.

## 5. Triste fim

*O triste fim de Policarpo Quaresma*, segundo romance de Lima Barreto, foi publicado em livro no ano de 1915, quando José Veríssimo, absorto pela Guerra, já não pensava tanto em literatura e nem escrevia mais crítica literária regular na imprensa. O livro tinha sido escrito em folhetim em 1911, mas folhetins não costumavam ser motivo de crítica.

Veríssimo morreu no início de 1916 e deixou pronta a sua *História da literatura brasileira – De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, publicado naquele mesmo ano. A pesquisa histórica que realizou se encerra com a morte de Machado de Assis. Foi de certa maneira uma homenagem ao amigo, a quem considerava o maior escritor da literatura brasileira e por quem militou para que se ampliasse e preservasse a memória, o que nem sempre foi óbvio e fácil no início. O livro fora acalentado desde o fim do século XIX, em contraposição ao livro homônimo de Sílvio Romero (*História da literatura brasileira*), de 1888. Machado representava um ápice, um ideal literário. Destacá-

lo era uma maneira ainda de responder a Romero, que fez de Machado, assim como de Veríssimo, um alvo de duras críticas, desqualificando sua literatura como superficial e estrangeirada<sup>16</sup>.

Euclides da Cunha poderia, de fato, ter sido incluído na *História da literatura* pelo recorte cronológico adotado. Mas Veríssimo, como vimos, apesar de ter feito a glória de *Os Sertões*, não acreditava em vida longa para a obra. Sua crítica, nesse caso, voltava-se sobretudo para a ênfase na linguagem científica como recurso literário e sua *História* realiza uma seleção estrita daquilo que considerava arte literária (também nesse aspecto se contrapõe a Romero, bem mais inclusivo). Para ampliar essa discussão, seria preciso, porém, levar em conta o que representava a crítica ao cientificismo em seu tempo.

Já Lima Barreto, apesar das críticas que lhe fez por carta, sobre o excesso de personalismo na sua estreia com *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, era um autor que via como promissor. Em meado de 1914, Veríssimo contou a Oliveira Lima que sua *História* estava pronta e até batida à máquina. Nesse ponto, a obra de Lima Barreto não possuía densidade suficiente (e não se trata de discutir se viria a ter) capaz de modificar o projeto de Veríssimo, planejado como uma apoteose a Machado de Assis. De toda forma, não se pode afirmar que o crítico teria deixado de fora os dois autores, Euclides da Cunha e Lima Barreto, por serem “conflitantes” em relação aos seus propósitos, na medida em que tinham como objetivo mostrar “os problemas sociais do Brasil”<sup>17</sup>. Ao contrário, esses seriam aspectos prezados pelo crítico, que se preocupava, entretanto, com sua realização em termos literários.

Poucos meses depois da morte de Veríssimo, Lima Barreto lançou uma segunda edição de *Recordações*, em que incluiu uma “breve notícia” introdutória, datada de 31 de dezembro de 1916, com uma homenagem ao crítico. Veríssimo era a inspiração para que, na nova edição, Lima restabelecesse o original tal qual

---

<sup>16</sup> “Eis a origem do desacordo fundamental na apreciação da obra de Machado de Assis: artificial e estrangeirado na apreciação de Romero; artístico e universal, na perspectiva de Veríssimo” (ROCHA, 2011, p. 96).

<sup>17</sup> “[...] José Veríssimo, ao escolher Machado de Assis para centro de seu cânone literário nacional, deixa de lado muitos escritores, como Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922), que seriam conflitantes em relação aos propósitos do crítico. Assim sendo, o campo intelectual proposto por Veríssimo não poderia ser definido por escritores que mostrassem os problemas sociais do Brasil, mas por escritores que, de certa forma, continuassem um padrão de ‘esfera pública’ centrado nos ideais europeus de civilização” (PEREIRA, 2009). Os dados levantados para a atual pesquisa não confirmam essa hipótese.

lhe fora confiado por seu amigo Isaías Caminha, escrivão da Coletoria Federal de Caxambi. Isso porque os primeiros capítulos publicados na *Floreal* (depois modificados para a primeira edição), haviam levado “aquele espírito firme e independente, aquele sagaz crítico, como o seu nobre amor pelos grandes ideais nas letras, que se chamou José Veríssimo” a escrever um comentário muito positivo a respeito na sua coluna Revista Literária, no *Jornal do Commercio* (2010, p. 62). Para um espírito igualmente crítico como o de Lima Barreto, sempre em busca da sinceridade, não são elogios lançados ao vento. Fora a consagração íntima de Isaías.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Graça (org., introdução e notas). *Correspondência: Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1923.

[Disponível em Brasileira da Universidade de São Paulo (USP): <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00103600#page/1/mode/1up>>. Acesso em 5.20.2016]

AZEVEDO, Maria Helena Castro. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Prefácio de Alberto Venancio Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*; notas de revisão de Beatriz Rezende. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: Linguagem da crítica & crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Companhia, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os subterrâneos do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo*. São Paulo: Globus Editora, 2011

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 1997.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: O romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

PEREIRA, Márcio Roberto. José Veríssimo: literatura e cânone, in *Diálogo e Interação*. Vol 1, 2009.

RESENDE, Beatriz. Sonhos e máguas de um povo, in RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (org). *Toda crônica*, volume I 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República – 2ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.*

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4º ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VERÍSSIMO, José. Prefácio de José Murilo de Carvalho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte, MG: PUC-Minas, 2013.

\_\_\_\_\_ : de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 7ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

**Acervos de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional:**

Floreal

Jornal do Commercio

Correio da Manhã

O Imparcial

**Acervo de manuscritos:**

Fundação Biblioteca Nacional

Academia Brasileira de Letras

Oliveira Lima Library (Universidade Católica da América, Washington, D.C.)